

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro



Análise Fílmica: Documental vs. Ficção

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Imagem, Som e Narrativa Audiovisual

Catarina Alexandra Reis da Rosa A173860

Vila Real, março de 2021

Índice

“O Homem da câmara de Filmar” de Dziga Vertov e “Metropolis” de Fritz Lang.....	3
1. Imagem documental vs. Imagem Ficção	3
Conceitos base do cinema documental ficção	3
Enquadramento histórico.....	3
Estética desenvolvida	3
2. Produção documental vs. Produção Ficcional	4
Meios técnicos.....	4
Caracterização das equipas.....	4
Técnicas de produção de imagem e de montagem	4
3. Mensagem associada a cada filme	6
4. Reflexão pessoal	8
Webgrafia.....	9

“O Homem da câmara de Filmar” de Dziga Vertov e “Metropolis” de Fritz Lang

1. Imagem documental vs. Imagem Ficção

- **Conceitos base do cinema documental | ficção**
- **Enquadramento histórico**
- **Estética desenvolvida**

“O homem da câmara de filmar” – Documental

Quando se fala de imagem documental é impossível não pensar no filme de Dziga Vertov, O Homem da Câmara de Filmar. “O Homem da Câmara de Filmar” é um diário de um operador de câmara que filma, de modo documental, aquilo com que se depara em lugares públicos, caso de ruas, fábricas, casas de espetáculo, provas desportivas, linhas de caminhos-de-ferro e campos de minas. É provavelmente o filme que maior influência teve em toda a História do Cinema Documental. Este situou-se num contexto histórico e sociopolítico da revolução soviética. Foi, também, uma das últimas manifestações da agitação e efervescência criativas que se seguiu à revolução bolchevique antes que os entraves do realismo socialista viessem reprimir a sétima arte.

Em 1929, ano da apresentação pública do filme, a situação política na URSS evoluiu e a época da revolução terminara para dar lugar a uma outra, mais limitadora, senão mais trágica, que a primeira. Sobre o pretexto da coletivização e da industrialização, declara-se uma verdadeira guerra civil. O voluntarismo e a mobilização popular da primeira fase da revolução chegara ao fim. Já a nível internacional, a obra de Vertov vai ganhando importância e relevo nos festivais de cinema.

Neste filme de Vertov é possível identificar os mais variados aspetos da linguagem documental. Para Vertov, a câmara de filmar existe como um instrumento de observação e prospeção da vida social, em particular das grandes cidades, e também das muitas facetas do trabalho humano. Um documental recheado de ousadas experiências formais e narrativas: câmara lenta, aceleração dos movimentos, sobreposição de imagens, o ecrã dividido em várias imagens, amostragem de fotogramas, efeitos de animação através da técnica de “stop motion”, etc., etc.

É um filme onde o cinema é representado por si próprio. Ou seja, é um filme sobre um operador de câmara, um filme sobre os espetadores, um filme sobre o processo de rodagem. O Homem da Câmara de afirma-se então como um filme de tese sobre o próprio cinema.

“Metropolis” – Ficção

Por outro lado, o filme Metropolis é um clássico do cinema mudo, e categoriza-se como um dos precursores do género de ficção científica. Metropolis é uma cidade aterrorizadora e avançada tecnologicamente que elucida como tema principal as consequências que o modo de produção capitalista e a desenfreada e, também, inconsequente utilização da tecnologia podem trazer a uma sociedade e ao mundo do trabalho.

Metropolis nasceu de um momento de inspiração e, sobretudo, do espanto experimentado por Fritz Lang ao contemplar Nova Iorque pela primeira vez. Foi tanta a impressão caudada por esta cidade, pelos seus edifícios, pessoas, luzes e sombras, que acabou por inspira-lo na criação da Metropolis. Já em Berlim, Fritz Lang dá conta das suas impressões a Thea Von Harbou que inicia a redacção do argumento que viria a dar origem a Metropolis.

Este filme de ficção apresenta um ambiente hostil, frio e mecânico que a industrialização reflete por meio do imaginário característico da época em que a obra foi criada. A partir de Metropolis, ficção cinematográfica que versa sobre a importância da cidade enquanto reprodução espacial de múltiplas interações sociais, é possível identificar e refletir sobre os diferentes espaços, sempre associados a um ou mais indivíduos, como a torre de Fredersen, o laboratório de Rotwang, o jardim de Freder ou os espaços subterrâneos de Maria e dos operários. Cada uma destas heterotopias tinha uma função definida, fosse ela de controlo, resistência, evasão ou alheamento, e testemunhamos, no final, a ruína de todas as heterotopias, restando apenas a cidade de Metropolis enquanto promessa por cumprir.

2. Produção documental vs. Produção Ficcional

- **Meios técnicos**
- **Caracterização das equipas**
- **Técnicas de produção de imagem e de montagem**

Começando com a obra de Dziga Vertov, é importante referir que tecnicamente, o filme “O homem da câmara de filmar” foi produzido pela Administração Ucrâniana do Filme e Fotografia, sediada em Kiev. Feito em preto e branco, é mudo e tem 67 minutos duração. Em 1996, foi sonorizado pela Alloy Orchestra de Cambridge, seguindo indicações deixadas pelo próprio realizador. Está estruturado em quatro partes:

- Prólogo: introduz ao tópico principal, o homem da câmara de filmar e o ambiente, o teatro e a exibição da orquestra;
- 1ª Parte: amanhecer na cidade, atividades do homem da câmara, do nascimento, casamento;
- 2ª Parte: várias situações de trabalho com sequência de máquinas em movimento, acontecimentos desportivos, musicais e a presença constante do homem da câmara;
- Epílogo: leva o espectador de volta à abertura, recapitulando todo o anterior, numa alusão ao princípio.

O ambiente do filme é de carácter tecnológico, próprio do final da década de 1920, com câmaras de corda, possibilidades de registro de cada tomada de apenas 1,5 minuto e ausência de som síncrono. A equipe era dirigida por Dziga Vertov, autor e supervisor da experiência, Elizaveta Svilova, a sua mulher, assistente de montagem, e o seu irmão, Mikhail Kaufman, o principal operador de câmara, responsável pela fotografia.

Vertov combinava de forma espantosa o imprevisível da vida com o domínio técnico. O filme, feito a partir de imagens da vida quotidiana das cidades de Kiev, Moscovo e Odessa, liberta-se das linguagens habituais do teatro e da literatura para constituir uma narrativa universal e que resulta numa peça artística independente, sem recorrer a intertítulos, história ou atores. O filme é uma exposição de locais de produção fílmica numa sociedade industrializada, uma exibição de códigos formais e retóricos da representação cinematográfica e uma montagem complexa do quotidiano na Rússia Soviética.

Também, no contexto do filme, de modo a ser analisado tecnicamente, é necessário mencionar alguns parâmetros, entre eles a rítmica, a relação do espaço e do tempo e a nível paramétrico. A progressão e a ligação entre as imagens são correlacionadas complexamente (planos, ângulos, luz e sombra, etc). As imagens também se combinam a partir de diferentes ambientes. Com a percepção caótica do olhar humano e as limitações impostas pela imobilidade, este novo cinema quer contrapor as possibilidades do olhar mecânico e móvel da câmara. Ou seja, para Vertov, na sua ideologia, a câmara representa um “olho mecânico” em perpétuo movimento que liberta o homem da sua imobilidade, aproximando-se e afastando-se das coisas, penetrando nelas, deslocando-se,

atravessando multidões, caindo e levantando ao ritmo de seus próprios movimentos (Silva, 2003, p 6).

Passando para o filme de ficção, “Metropolis”, um filme realizado em Metropolis, Alemanha, no ano de 1926, dirigido por Fritz Lang e escrito por Thea Von Harbou. Está-se ainda diante de um filme mudo, mas bastante impressionante no que se refere aos seus arrojados efeitos especiais e cenários futuristas. O cuidado em retratar o ambiente de uma cidade de época “futurística” e avançada tecnologicamente é explícito nas cenas do filme em que os efeitos especiais são bem explorados por meio de intenso jogo de luz e sombra, contrastes, utilização de fumaça, deixando ainda mais sombrio o ambiente, e a inserção de alguns ícones modernos como: aviões sobrevoando a cidade, tráfego intenso de carros, remetendo à grande densidade demográfica que as cidades contemporâneas segregam, a velocidade, pontes construídas, edifícios altos e com brilho.

Em Metrópolis, parecem estar superpostos uma arquitetura industrial moderna e uma atmosfera gótica, bem ao gosto do revival medieval que encontra acolhida em outras produções artísticas da Alemanha da mesma época. É a atmosfera de futuro, algo distante, que as colossais torres, as plataformas suspensas e as naves que rasgam os céus de Metropolis nos transmitem.

3. Mensagem associada a cada filme

“O Homem da Câmara de Filmar”

No Homem da Câmara de filmar os temas predominante são a cidade e o cinema. Os diferentes lugares e cidades, Moscou, Odessa, e Kiev, são justapostos indistintamente. Modernidade das máquinas, das comunicações, do trabalho, do movimento, das contradições e da oposição entre contrários é verificada ao longo do dia. São apresentadas as atividades do cotidiano da “vida do imprevisto” assim como, por exemplo, a sequência de ritos de passagem — nascimento, morte, casamento, divórcio etc. A observação da câmara é resultado das experiências e da confiança dos operadores e contribui assim para desvendar o real e para educar ou organizar o olhar do espectador.

Outra temática relevante no filme é a crença inabalável na máquina que irriga e ordena toda a dinâmica da cidade, como indústria que anima a vida social. E, finalmente, com lugar de destaque, o próprio cinema, como parte de toda a dinâmica do processo social. O Homem da Câmara de Filmar

representa vários valores: o de produto documental da construção de uma nova sociedade e de obra resultante de um novo modo de olhar e representar.

“Metropolis”

O filme reflete a crise da modernidade, prevendo um futuro trágico e aterrorizante, onde o mundo laboral se apresenta como um universo caótico e perverso no qual a tecnologia elimina qualquer indício de humanidade. O Homem-Tecnologia é uma dicotomia interligada numa relação de dependência que ilustra o terror da modernidade frente ao poder dominador da máquina sobre o ser humano. A desumanização do trabalhador, a formação de hordas de autômatos massacrados pela rotina mecânica e monótona, escravizados pelo aparelho, é um dos temas presentes no filme, uma preocupação que permeava o início do século passado e as doutrinas filosóficas, a exemplo do Marxismo. O filme aponta, também, para a centralidade do trabalho na vida dos operários que faziam parte daquela empresa e para o processo de despersonalização pelos quais os funcionários passam.

Um das mensagens também que podemos destacar é as consequências do uso excessivo de tecnologia, gerando um redução significativa da força de trabalho humano, maiores níveis de desemprego, menor poder de compra, violência, e exclusões sociais. Podemos afirmar, também, que o crescimento do desemprego abre espaço para a precarização das relações de trabalho. Naquela época, esta se dava por que havia falta de comunicação entre empregados e patrões, horas extensivas de trabalho continuado, esforço repetitivo e pouca participação mental no trabalho executado.

Metropolis não se limita apenas a ser uma crítica clara ao capitalismo, à tecnologia e a todas as forças que, de algum modo, despojam o indivíduo da sua humanidade e da sua individualidade. Há um certo deslumbramento pelo poder em todas as suas manifestações. Em suma, Metropolis ilustra fobias e ambiguidades muito contemporâneas em relação às cidades e a forma como estas interagem e evoluem com as tecnologias.

4. Reflexão pessoal

Vertov quebra, em O homem da câmara de filmar, todos os padrões do cinema. Este filme é um filme cheio de metáforas elaboradas ao pormenor, porém cheias de “imprevisto”. Dotando a câmara de filmar de um valor destrutivo da tradicional forma artísticas de se fazer cinema, o filme apresentou uma linguagem cinematográfica que recusou o tão usado procedimento teatral ou literário. E o resultado foi um documental, onde a realidade é a matéria-prima da criatividade.

O filme Metropolis, por outro lado, mistura a fascinação pela mecânica futurista e o medo e o ódio que os expressionistas tinham para com a industrialização. O mundo laboral representado em Metropolis é o mundo em crise produzido em 1926, porém pouco ou nada mudou quanto às suas características estruturais na nossa realidade atual.

A mensagem que talvez está mais ligada a este filme seja a vida humana e a forma como esta se relaciona com as máquinas, através das grandes indústrias e da formação dos meios urbanos. Lang oferece através de Metropolis um retrato da Alemanha do seu tempo. A sociedade era dividida por castas e os que ficavam na base era a parcela da população mais pobre, logo a mais trabalhadora e explorada. Conseqüentemente, quando a população enfrenta este tipo de condições desiguais, exaltando crises como a que se vivia na Alemanha nos tempos de produção do filme, acaba por formar-se na sociedade um sentimento de revolução e de mudança. Foi através de Metropolis que Lang criticou a estratificação da sociedade, o poder das máquinas e das futuras tecnologias e a desumanização da humanidade.

Webgrafia

<https://sicnoticias.pt/opiniaio/2020-08-28-Sessao-de-Cinema-O-Homem-da-Camara-de-Filmar>

<https://www.rtp.pt/programa/tv/p14321>

<https://www.forumluisatodi.pt/espetaculo/o-homem-da-camara-de-filmar/>

Referências Bibliográficas

Mello, Sérgio Carvalho Benício de, Marçal, Maria Christianni Coutinho e Fonsêca, Francisco Ricardo Bezerra (Abril/Junho de 2009): “OS SENTIDOS DO TRABALHO PRECARIZADO NA METROPOLIS: fato e ficção!”. o&s v.16 - n.49. Salvador, p. 307-323.

Ribeiro, José Silva (2003): *O homem da Câmara de Filmar: cinema ou quotidiano*. Universidade Aberta.